

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES  
CURSO DE HISTÓRIA**

**BRUNO RODRIGUES DA SILVA DAMIN**

**A INFLUÊNCIA ALIMENTAR EM RITUAIS DA UMBANDA  
NA CIDADE DE CAXIAS DO SUL 1966-2018**

**CAXIAS DO SUL**

**2018**

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES  
CURSO DE HISTÓRIA**

**BRUNO RODRIGUES DA SILVA DAMIN**

**A INFLUÊNCIA ALIMENTAR EM RITUAIS DA UMBANDA  
NA CIDADE DE CAXIAS DO SUL 1966-2018**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito para  
aprovação na disciplina de TCC II, do  
Curso de História da Universidade de  
Caxias do Sul

Orientadora: Prof. Dra. Eliana Rela

**CAXIAS DO SUL**

**2018**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a minha orientadora e professora Eliana Rela, que me acompanhou em praticamente toda a minha vida acadêmica. Obrigado pela incansável dedicação e confiança que foram fundamentais para a elaboração desta pesquisa.

Aos meus pais e a minha irmã, por serem minha base, pelo incentivo e amor incondicional. Mesmo nos momentos de esgotamento me mantiveram forte para seguir minha caminhada.

Sou grato a uma grande amiga Suélen Boeck, que me acompanhou nessa trajetória, e me proporcionou contribuições valiosas para minha jornada acadêmica. Obrigado pelos conselhos e palavras confortantes.

Agradeço a todos os professores que tive, por me proporcionarem o conhecimento e sua manifestação no caráter afetivo da educação, neste processo de transformação profissional.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

Refletiu a luz divina  
Com todo seu esplendor  
Vem do Reino de Oxalá  
Onde há paz e amor  
Luz que refletiu na terra  
Luz que refletiu no ar  
Luz que veio de Aruanda  
Para nos iluminar  
A Umbanda é paz e amor  
É um Mundo cheio de luz  
É a força que nos da vida  
E à grandeza nos conduz  
Avante filhos de fé  
Como a nossa lei não há  
Levando ao Mundo inteiro  
A bandeira de Oxalá

(Hino da Umbanda)

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma análise contemporânea dos alimentos utilizados em rituais da Umbanda, além de compreender a relação de seu significado e sua usualidade. A pesquisa de caráter interdisciplinar, une-se aos estudos da história e antropologia, uma vez que a nova história enfatiza essas interfaces, utilizando o uso de métodos e estratégias com a interação da História Cultural e História Oral. Dentro dessa perspectiva de análise, este trabalho baseia-se pelas práticas ritualísticas e alimentares no contexto da Umbanda, na cidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. Tem como objetivo compreender suas práticas e seus rituais alimentares. Os resultados foram obtidos através da observação de três terreiros Umbandistas, entre os meses de agosto à outubro de 2018; além de revisões bibliográficas

**Palavras-chave:** História da Alimentação; Umbanda; Religião; Ritual

## LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 – Placa de entrada .....	24
Figura 2 – Altar Mãe Maria .....	26
Figura 3 – Trabalho de incorporação dos médiuns .....	27
Figura 4 – Capa do livro de memória .....	28
Figura 5 – Oferenda para Exú .....	29
Figura 6 – Oferenda para preto-velho .....	30
Figura 7 – Oferenda para Xangô .....	30
Figura 8 – Certificação União de Umbanda do Estado do Rio Grande do Sul - 1966 .....	31
Figura 9 – Certificado Congregação Espiritualista de Umbanda do Rio Grande do Sul - 1967 .....	31
Figura 10 – Fachada terreiro Pai José .....	33
Figura 11 – Espaço interno .....	34
Figura 12 – Altar Pai José .....	34
Figura 13 – Espaço interno Pai Valter .....	35
Figura 14 – Altar Pai Valter .....	36
Figura 15 – Festa Cosme e Damião .....	43
Figura 16 – Alimentação da Festa de Cosme e Damião .....	44
Figura 17 – Oferenda Cacique Serra Negra .....	45
Figura 18 – Alimentação para o público .....	45
Figura 19 – Festa do Exú .....	46
Figura 20 – Músicos da festa .....	47
Quadro 1 – Bebidas e os guias espirituais .....	42

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEORICO- METODOLOGICA</b> .....	<b>11</b>
<b>3</b>	<b>A INFLUÊNCIA DA ALIMENTAÇÃO NO PROCESSO HISTÓRICO</b> .....	<b>20</b>
<b>4</b>	<b>VISITA DOS TERREIROS</b> .....	<b>24</b>
4.1	TERREIRO DA MÃE MARIA.....	<b>24</b>
4.2	TERREIRO PAI JOSÉ.....	<b>31</b>
4.3	TERREIRO DO PAI VALTER.....	<b>35</b>
<b>5</b>	<b>ALIMENTAÇÃO NA UMBANDA</b> .....	<b>38</b>
5.1	CELEBRAÇÕES E FESTIVIDADES.....	<b>42</b>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÕES FINAIS</b> .....	<b>48</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>49</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Por ser um apreciador da gastronomia e acadêmico do curso de história, resolvi me aventurar para a produção deste trabalho, juntando dois temas históricos que mais me instigam; a alimentação e a religião.

Assim, o objetivo geral deste trabalho tem como característica principal identificar a importância e significado do alimento em rituais da Umbanda na cidade de Caxias do Sul no período de 1966 – 2018. As datas que foram pesquisadas, são referentes a um extenso trabalho, que nos identificou como a primeira terreira de Umbanda registrada na cidade, até o ano 2018.

Foram realizadas diversas entrevistas com Pais de Santo para a compreensão do assunto, visando identificar a representação de uma parcela da sociedade que faz uso de alimentos específicos para cultuar seus santos e divindades.

Com isso, a relevância em estudar a alimentação em rituais da Umbanda na cidade de Caxias do Sul traz consigo a perspectiva que pressupõe a diversidade cultural de um povo fortemente de descendência católica e com pouco conhecimento sobre esta religião, que infelizmente carrega um olhar preconceituoso.

O estudo sociocultural sobre os alimentos nas religiões, dissertado neste trabalho, se dá pela frequente discussão gastronômica e sua valorização, seja em âmbito profissional ou acadêmico. É perceptível tal relevância do assunto nos dias de hoje, pelo aumento de textos em revistas científicas, proliferação de programas de televisão, internet e outros meios de comunicação.

Deste modo, é apresentado, de forma abrangente, cada período histórico com suas influências específicas, que modificaram culturalmente a sociedade e a forma de se alimentar, podendo citar exemplos como processos sociais, avanços tecnológicos, expansões geográficas e até mesmo culturas religiosas.

Identificou-se que com os processos de mudanças na sociedade, a necessidade de se alimentar aflorou em um sentimento de prazer e saciedade, o que desencadeia uma crítica gustativa do que é bom ou não. Entende-se que neste sentido, a necessidade da alimentação passou para um segundo plano, priorizando assim, o prazer proporcionado pelos alimentos.

A partir do meu interesse no tema da história e alimentação, formulei a seguinte questão problematizadora: Qual a representação do sagrado e religioso através da cultura alimentar e da história dos alimentos?

Este estudo baseia-se em pesquisas bibliográficas oriundas de livros, teses, dissertações e estudo de caso. Além do mais, foram realizadas entrevistas locais, em terreiras, a onde são praticados os cultos da Umbanda, religião escolhida para abordar a influência da alimentação como sagrado. As casas escolhidas foram indicações de amigos e pessoas próximas que frequentam o espaço, formulando um total de três terreiras.

Além de revisão bibliográfica sobre a temática, o enfoque da pesquisa consiste identificar os alimentos utilizados nos processos culturais, e suas influências gerais na religião dos adeptos. Neste sentido, o trabalho evidencia a relação da comida-religião por meio das práticas alimentares com o foco na Umbanda.

Entretanto, por ser um tema atual, e relativamente novo, as referências bibliográficas encontradas não são específicas sobre o assunto, e muitas vezes a Umbanda é mencionada juntamente com outras religiões de matriz africana, como é o caso do Candomblé<sup>1</sup>.

É demonstrado também como a Umbanda é visualizada pelos membros que nela frequentam, entre eles seus adeptos e Pais de Santo, e como a alimentação faz parte nos rituais ou em festas específicas. Para a elaboração deste trabalho foi feito um estudo etnográfico em três terreiras de Umbanda na cidade de Caxias do Sul, em diferentes bairros e com público variado. Dentre os rituais analisados, foram observados como o ritual era particular e único para cada casa, e onde se fazia presente a alimentação nos rituais. Foi realizada uma entrevista individual com os responsáveis pelos terreiros, sendo esta por dois homens e uma mulher. Valorizando através de relatos orais, a voz do indivíduo que muitas vezes é excluído e calado pela sociedade, capaz de ressignificar e preservar a cultura oral de religiões brasileiras.

Ao pesquisar sobre a influência dos alimentos na religiosidade, percebi o quanto este tema é amplo e atual. Entretanto as bibliografias encontradas são poucas, comparadas com a grandeza deste tema, havendo grande dificuldade em achar material específico sobre o assunto.

Devido a estas dificuldades e diante do pouco conteúdo, é que sentimos a necessidade de escrever sobre esta questão, e retratar a história da alimentação em

---

<sup>1</sup> Candomblé é uma religião derivada do animismo africano onde se cultuam os orixás, voduns ou nkisis, dependendo da nação. Sendo de origem totêmica, é uma das religiões de matriz africana mais praticadas, tendo mais de três milhões de seguidores em todo o mundo, principalmente no Brasil. No Candomblé a alimentação é um verdadeiro banquete aos orixás, diferente da Umbanda que presa pela simplicidade e alimentos mais baratos.

rituais religiosos, como a Umbanda, expondo sua distinção e mudanças de região para região, muitas vezes, de terreiro para terreiro.

Trataremos a relação alimento e religião desde a história do homem, seus hábitos e costumes, na qual sempre foram se modificando com o passar do tempo, identificando que além da alimentação do dia a dia, o trivial, cada alimento específico faz parte de uma cultura ou crença religiosa.

Sem o propósito de discutir crença ou credo específico, os costumes e comportamentos sociais são de suma importância para o estudo do uso dos alimentos nas religiões, apresentando suas transformações direcionada ao modo de vida do homem através da comida, na direção do papel alimentar, tendo como função de distinguir religiosamente os povos (FERRARI, 2016).

O que se come, onde se come, como se come e com quem se come, é significativo para podermos compreender o ambiente sociocultural coletivo e individual. A alimentação revela a estrutura da vida cotidiana no seu âmbito mais íntimo até a sua coletividade, todavia, a convivialidade é sempre manifestada através da comida. As transformações históricas também alteraram a comensalidade, pois através da domesticação dos animais, sendo o primeiro deles o cão, era possível facilitar a caça, tendo mais carne para se alimentar. Na idade média com as grandes navegações foi criado a partir de uma necessidade, a conservação de carnes por longas datas, pois era necessário o abastecimento de uma tripulação em alto mar, além das novas técnicas de salgamento de peixes para sua maior duração (CARNEIRO, 2003).

Foi somente na idade moderna que o uso dos talheres se tornou cotidiano, porém este uso era específico para classes altas. As especiarias, muito utilizada pelos europeus, tinha como finalidade temperar e conservar os alimentos. No período contemporâneo, as técnicas de armazenamento e conservação, originou-se em um primeiro momento no vidro que teve seu avanço nos enlatados. O gás e a eletricidade acompanharam o avanço na alimentação, possibilitando a conservação por mais tempo.

Chumpanker (2009, p. 259) afirma que a “[...] história da humanidade começou com a brilhante maçã vermelha, encontrada no Jardim do Éden, ou com o homem macaco utilizando um pedaço de madeira para caçar [...]”. A história da humanidade sempre esteve ligada a alimentação e seus lugares entre as dimensões do gosto e paladar. A cozinha é um organismo vivo da sociedade, onde certos pratos

declaram a identidade e memória de um determinado povo.

As cozinhas locais, regionais e nacionais, são produtos de miscigenação cultural, tendo em vista que alimentar-se é um ato nutricional, e comer é um ato social. Um exemplo disto são as práticas alimentares que são ditadas por regras culturais, como: cortar, cozinhar, preparar, tudo isso em cada região se faz de uma forma típica e local.

A alimentação desempenha importante papel no dia a dia dos adeptos dos mais diversos cultos religiosos. Além de atos regulatórios, como permissões, restrições e jejuns, concomitantemente, instauram-se rituais disciplinares, técnicas de autocontrole e penitências relacionadas à alimentação, cada uma em particularidades teológicas. A alimentação implica elementos notáveis, tanto nos rituais praticados, quanto na vida secular de seus adeptos (ARMESTO, 2010).

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO- METODOLÓGICA

Cultura, definida também como ciências sociais, é um conjunto de ideias, comportamentos, práticas e símbolos sociais compreendidos por uma sociedade,

Vinda do verbo latino colere, cultura era o cultivo e o cuidado com as plantas, os animais e tudo que se relacionava com a terra; donde, agricultura. Por extensão, era usada para referir-se ao cuidado com as crianças e sua educação, para o desenvolvimento de suas qualidades e faculdades naturais; donde, puericultura. O vocábulo estende-se, ainda, ao cuidado com os deuses; donde, culto (CHAUÍ, 1986, p. 11).

A história apresentada na televisão, continua sendo em sua maior parte política, militar, e em menor extensão a social. O espaço da história cultural pode ser descrito como a preocupação com o simbólico e suas interpretações. Símbolos<sup>2</sup>, conscientes ou não, podem ser encontrados em todos os lugares.

Para Rovai (2015) a história cultural implicaria numa série de procedimentos que vão desde a forma de elaboração das entrevistas, à condução e à transcrição delas, o que teria efeitos sobre a pesquisa historiográfica:

Não importa como descrevamos o que está acontecendo, se é a história social engolindo a história cultural ou o contrário, estamos assistindo ao aparecimento de um gênero híbrido. O gênero pode ser praticado de diversas maneiras, e alguns historiadores colocam a ênfase mais na parcela cultural, enquanto outros, no aspecto social (BURKE, 2008, p. 102).

“De qualquer forma, examinar o tema por meio de um único método empobrece a história cultural” (BURKE, 2008, p. 104). Problemas diferentes, exigem métodos diferentes, métodos quantitativos são importantes para a história cultural tanto quando para a tradicional.

A dimensão cultural para Thompson (1998) ampliou os conceitos fundamentais do materialismo histórico, sendo fundamental para a historiografia que necessitava entender suas reflexões para novos domínios e uma contribuição teórico-prática.

Para uma teoria social da cultura, sua percepção, de fato, é de que a sociedade e a cultura são estruturadas em torno de símbolos, que exigem suas

---

<sup>2</sup> Para Barros (2003) 'Símbolo' é uma categoria teórica já há muito tempo amadurecida no seio das ciências humanas - seja na História, na Antropologia, na Sociologia ou na Psicologia.

interpretações:

Tanto os objetos culturais seriam produzidos "entre práticas e representações", como os sujeitos produtores e receptores de cultura circulariam entre estes dois pólos, que de certo modo corresponderiam respectivamente aos 'modos de fazer' e aos 'modos de ver'. Será imprescindível clarificar, neste passo, estas duas noções que hoje são de importância primordial para o historiador da cultura (BARROS, 2003, p. 157).

Segundo Burke (1992) a nova história começou a se interessar potencialmente por toda a atividade humana, tudo tem história, ou seja, tudo tem um passado. O relativismo cultural aqui implícito merece ser enfatizado, pois a base filosófica da nova história é a ideia de que realmente é social e culturalmente construída, tendo como base, fatores interdisciplinares.

Para muitas pessoas, a Nova História está associada a Lucien Febvre e a Marc Bloch, que fundaram a revista dos Annales em 1929, com o objetivo de divulgar suas abordagens, e na geração seguinte Fernand Braudel. Na verdade, seria difícil negar a importância do movimento para a renovação da história, liderada por estes homens (BURKE, 1992, p.17).

Para Sharpe (1992), essas novas perspectivas atraíram de imediato novos historiadores ansiosos para ampliar seus limites de sua disciplina, explorando novas áreas de pesquisa, acima de tudo, as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja sua existência é ignorada na principal corrente histórica. Aqueles que escrevem a história vista de baixo, não apenas proporcionam um campo de trabalho que nos permite conhecer mais sobre o passado, mas também nos ajudam a tornar mais claro de que existe muitas histórias inexploradas.

A história vista de baixo, ajuda a convencer que as classes mais baixas, também possuem um passado, de que viemos de algum lugar, e com o passar dos anos, desempenhamos um papel muito importante para corrigir e ampliar aquela história política tradicional.

Por se tratar de um assunto minucioso e de uma cultura específica, o debate da micro-história se faz presente, pois ao dedicar-se em primeiro lugar, aos procedimentos reais detalhados que constituem esse trabalho, sempre centralizando uma busca realista do comportamento humano. Operando assim a ação e conflito do comportamento do homem ao mundo que reconhece como seu. A micro-história tenta ressaltar, de fato, os conhecimentos e acontecimentos de uma forma individual, demonstrando sua proximidade com a antropologia, sendo um campo amplo para a

área historiográfica. Para Barros, o que a micro-história pretende é:

[...] uma redução na escala de observação do historiador com o intuito de se perceber aspectos que, de outro modo, passariam despercebidos. Quando um micro-historiador estuda uma pequena comunidade, ele não estuda propriamente a pequena comunidade, mas estuda através da pequena comunidade (não é, por exemplo, a perspectiva da História local, que busca o estudo da realidade micro-localizada por ela mesma). A comunidade examinada pela Micro-História pode aparecer, por exemplo, como um meio para se atingir a compreensão de aspectos específicos relativos a uma sociedade mais ampla (BARROS, 2007, p. 03).

A micro-história, preocupa-se em evitar generalizações, relatando minuciosamente como os fatos são retratados, uma forma nua sobre o assunto a ser abordado.

Entretanto, a história oral tem como característica, buscar e ouvir as vozes dos sujeitos excluídos perante uma sociedade oficial, e tem como papel fundamental, sua inserção dentro dela. Por esse trabalho tratar da escuta individual de pessoas, que gentilmente se disponibilizaram em compartilhar seus conhecimentos relacionados ao culto da Umbanda na cidade de Caxias do Sul, e pela falta expressiva de bibliografias sobre o assunto, as fontes orais, são extremamente importantes para a elaboração deste trabalho, utilizando como método a história oral que se faz presente, e evidência como documento a “pessoa viva”.

Sendo um método de pesquisa, a história oral não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento. Seu emprego só se justifica no contexto de uma investigação científica, o que pressupõe sua articulação com o projeto de pesquisa previamente definido. Assim, antes mesmo de se pensar em história oral, é preciso haver questões, perguntas, e justificativas para o desenvolvimento de uma investigação (ALBERTI, 2004, p. 29).

Rovai (2015) afirma que a ideia de disciplina parte do pressuposto de que a história oral não é apenas uma técnica, mas um conjunto de procedimentos ligados a uma teoria, que articularia conceitos, problemas e soluções bem singulares, que não estariam limitados ao campo da história somente, mas levaria em conta a interdisciplinaridade. Envolvendo a construção de projetos de pesquisa, cuja reflexão abarcaria os procedimentos e suas implicações nos estudos sobre a chamada história do tempo presente, a memória e identidade. Nesse sentido, algumas questões seriam essenciais ao historiador ou também ao chamado oralista, tais como: onde, quando, o que, de que, para quem e para que; são questões de desenvolvimento para um

trabalho com suporte na história oral. Definição esta, que para o historiador José Carlos Sebe Bom Meihy (2006) trata-se de um conjunto de procedimentos interdisciplinares que se iniciam na elaboração de um projeto, e que se concretiza, ao entrevistar um grupo de pessoas, com contato direto ao diálogo.

Diante desta perspectiva, as entrevistas, como forma de recolher os depoimentos, mostram-se como um dos procedimentos importantes para registrar a história da sociedade Umbandista Caxiense. Para a elaboração das entrevistas, é necessário uma preparação antecipada para realizá-la e obter êxito, contudo, Thompson (1998), destaca algumas considerações que o entrevistador deve ter, entre elas o interesse e respeito que deve possuir entre as pessoas e a reações atribuídas a elas, demonstrar compreensão e simpatia por suas atribuições, e acima de tudo, a capacidade de ficar calado e saber ser ouvinte. Da mesma forma, a entrevista possibilita a troca de experiências entre o entrevistado e o pesquisador, havendo um grande interesse por ambas as partes sobre o assunto de pesquisa. O papel do entrevistador é ouvir e registrar a narrativa, a fim de encontrar o objeto de estudo a ser pesquisado.

Elemento relevante para a história oral, é a importância da memória neste processo de propor ao sujeito a retomada do passado, memória esta, que é compreendida como fonte de trabalho, definindo o processo de rememoração, exigindo que recordem fazer uma recuperação do passado a partir do que foi vivido. Para Bosi (1995) a memória demanda uma reelaboração do presente que possa ser assumida através de reflexões que são indagadas pelo entrevistador, possibilitando a quem fala, a oportunidade de refletir sobre seu passado vivido e a si mesmo.

Todo esse processo rememorativo é um elemento importante para estudarmos épocas passadas, e de indivíduos calados pela sociedade, que sofrem indiferenças pelas suas escolhas, incluindo um diálogo necessário entre as fontes orais.

[...] negligenciava-se o fato de que toda a vida cotidiana está inquestionavelmente mergulhada no mundo da cultura. Ao existir, qualquer indivíduo já está automaticamente produzindo cultura, sem que para isto seja preciso ser um artista, um intelectual ou um artesão. A própria linguagem e as práticas discursivas que constituem a substância da vida social embasam esta noção mais ampla de Cultura. “Comunicar” é produzir Cultura, e de saída isto já implica na duplicidade reconhecida entre cultura oral e cultura escrita [...] (BARROS, 2007, p. 3).

De igual maneira a história cultural, mas com um olhar específico para o sujeito, a nova História Cultural, interessa-se pelos produtores e receptores de cultura, que englobam tanto as questões sociais dos estudiosos, até o público receptor dito como as massas. Além do estudo dos sujeitos, é analisado o meio em que se produz aquele conhecimento, suas práticas e processos, visões de mundo, seus valores, modo de vida, concepções e relações à grupos sociais, segundo o sociólogo Pierre Bourdieu.

Desenvolvido em uma linha metodológica da história oral, o objetivo deste trabalho através do relato de entrevistados é conceitualizar a importância de determinados alimentos em rituais da Umbanda na cidade de Caxias do Sul.

A história oral é caracterizada por uma forma de metodologia de pesquisa, que procura ouvir e registrar as falas dos excluídos de uma história oficial, positivista, dando voz a esta parcela da população:

A história oral preocupa-se, fundamentalmente, em criar possibilidade de ministração para aqueles que são excluídos da história oficial, tanto a “tradicional” quanto a contemporânea, e que não possuem formas suficiente fortes para o enfrentamento das injustiças sociais (GUEDES-PINTO, 2002, p. 95).

A história oral acrescenta sua dimensão em fontes vivas, contribuindo para o resgate da memória e preservando sua valorização. A memória é sempre uma construção feita no presente, a partir de fatos que ocorreram no passado.

Para Alberti (2004) é importante fazer uma pesquisa sistemática de fontes existente antes de fazer a entrevista, porém, se o emprego da história oral significa voltar a atenção para as versões dos entrevistados, isso não quer dizer que se possa dispensar de consultar fontes já existentes sobre o tema. Outro fator que constitui a pesquisa oral é a escolha dos entrevistados, que neste caso, foram três pessoas, que representam suas terreiras, entre elas Pai José, que possui o centro de Umbanda mais antigo na cidade de Caxias do Sul, fundado no ano de 1966; e mais outros dois terreiros que foram apresentados, entre eles o da Mãe Maria e do Pai Valter.

O termo representação, muito usado em meios historiográficos, é utilizado muitas vezes por historiadoras relacionados a História Cultural. De acordo com Falcon (2009) a historiografia deve ressaltar os conceitos de representação, pois se trata de uma definição fundamental para a teoria da história.

Para Chartier (1991) a representação é o produto do resultado de uma prática.

Como para as artes plásticas, o que é representado é a produção de uma prática simbólica, de modo que, na religião a produção do simbólico torna-se como algo representável.

As noções complementares de práticas e representações são bastante úteis, porque através delas podemos examinar tanto os objetos culturais produzidos, os sujeitos produtores e receptores de cultura, como também os processos que envolvem a produção e difusão cultural, os sistemas que dão suporte a estes processos e sujeitos, e por fim as normas a que se conformam as sociedades através da consolidação de seus costumes (BARROS, 2003, p. 161).

Forma de representar o mundo, a representação real ou imaginária é elemento de transformação e atribuição para cultura da sociedade. Para Pesavento (2005) a sociedade constrói sua própria ordem simbólica, que por um lado, não se pode chamar de real, mas sim, de representação, por outro lado, é a forma de outra existência histórica. É um sistema de ideias-imagens que significam simbolicamente um sistema de ideias, ou imagens, que constituem a representação.

Para Barros (2003) 'Práticas' e 'representações' são ainda noções que estão sendo elaboradas no campo da História Cultural, possibilitando novas perspectivas no campo historiográfico da cultura.

Diante dessas representações, a Umbanda é uma religião de origem brasileira, ao contrário do que muitos pensam, ela não é afro-brasileiro<sup>3</sup>, pois tem como fundador, o brasileiro Zélio Fernandino de Moraes, nascido no Rio de Janeiro em 1891, em uma família de classe média. Segunda Diana Brown, que pesquisou as origens da umbanda, atribui que:

Zélio e seus companheiros provinham predominantemente dos setores médios. Trabalhavam no comércio, na burocracia governamental, eram oficiais de unidades militares; o grupo incluía também alguns profissionais liberais, jornalistas, professores e advogados, e ainda, alguns operários especializados. Todos esses indivíduos eram homens e quase todos eram brancos [...] Muitos integrantes deste grupo de fundadores eram, como Zélio, kardecistas insatisfeitos, que empreenderam vistas a diversos centros de "macumba" localizado nas favelas dos arredores do Rio e de Niterói. Eles passaram a preferir os espíritos e divindades africanas e indígenas presentes na "macumba", considerando-os mais competentes do que os altamente evoluídos espíritos kardecistas na cura e no tratamento de uma gama muito ampla de doenças e problemas. Eles achavam os rituais da "macumba" muito mais estimulantes e dramáticos do que os do kardecismo, que comparados aos primeiros lhes pareciam estáticos e insípidos. Em contrapartida, porém,

---

<sup>3</sup> De acordo com Ortiz (1999), a Umbanda não é uma religião "afro", mas sim "brasileira", conforme seguirá abordagem neste item.

ficavam extremamente incomodados com certos aspectos da “macumba”. Consideravam repugnante os rituais que envolviam sacrifícios de animais, a presença de espíritos diabólicos (exus), ao lado do próprio ambiente que muitas vezes incluía bebedeira, comportamentos grosseiros e a exploração econômica dos clientes (BROWN, 1985, p. 11).

Assim como Allan Kardec foi o intermediário escolhido pelos espíritos para divulgar sua religião entre os homens, a Umbanda tem sua história parecida; até que um dia, aos seus dezessete anos de idade, aconteceu algo estranho, Zélio, começou a falar de uma forma estranha, com um tom manso, e parecendo ser um senhor idoso e com sotaque diferente. Sua família pensou que fosse algum problema mental ou psicológico e o encaminhou para seu tio, que era padre, para poder realizar o ritual de exorcismo, pois imaginavam que pudesse estar possuído por algum demônio, porém não obtiveram nenhum resultado.

Tempos depois, Zélio foi acometido por uma estranha paralisia, da qual os médicos não conseguiram encontrar sua cura. Passando alguns dias, ele declarou em seu leito que “amanhã estarei curado e andando”. No dia seguinte, ocorreu o fato, mas ninguém conseguia acreditar no que havia acontecido, e em 1908, Zélio foi levado para a Federação Espírita de Niterói<sup>4</sup>, onde na ocasião, manifestou-se através de Zélio uma entidade que se denominou como Caboclo das sete encruzilhadas, e indagou o porquê espíritos indígenas e caboclos não faziam parte do ritual. Sem obter respostas, retirou-se do local.

Os dirigentes da reunião espírita tentaram afastar o próprio Caboclo das Sete Encruzilhadas, quando então este avisou que, se não havia espaço ali para manifestação dos espíritos de negros e índios considerados atrasados, seria fundado por ele mesmo na noite seguinte, na casa de Zélio, um novo culto onde tais entidades poderiam exercer seus trabalhos espirituais e passar suas mensagens. Zélio baixou novamente o caboclo referido e declarou que se iniciava a partir de então uma nova religião na qual pretos velhos e caboclos poderiam trabalhar. Determinou também que a prática da caridade seria a característica principal do culto; que este teria como base o Evangelho Cristão e como mestre maior Jesus; que o uniforme utilizado pelos médiuns deveria ser branco; que todos os atendimentos seriam gratuitos; e que a religião se chamaria umbanda (RODHE, 2009, p. 80-81).

---

<sup>4</sup> É muito difícil dizer com precisão em que exato momento começou a “baixar” nas sessões espíritas kardecistas as entidades dos cultos afro, ou quando estes começaram a absorver os valores kardecistas. Contudo, a história de formação de um dos terreiros de Umbanda mais conhecidos do Rio de Janeiro, o Centro Espírita Nossa Senhora da Piedade, possibilitou a compreensão dos princípios básicos que estruturam a nova religião (SILVA, 1994, p. 110).

No dia 15 de novembro de 1908<sup>5</sup>, foi fundada a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade e instaurada a religião com o nome de Umbanda, da qual sua crença rica de diversidade cultural, deu-se através de elementos do candomblé, espiritismo e catolicismo, abrindo vários terreiros e espalhando-se para diversos lugares do Brasil e América Latina.

Segundo Bandeira (1975) a origem do nome Umbanda, tem raiz africana, e é originária da língua Kimbundo, tendo seu significado como “a arte de curar”. Hoje existe diversas ramificações da Umbanda, porém todas com o propósito de caridade, igualdade, amor e humildade, nada se cobra, e é gratuita e para todos.

Entretanto seus rituais e ritmos são particulares, podendo sofrer alterações de um terreiro para outro. Um exemplo disso é que os rituais deveriam ser realizados em matas, mas como mencionado, esta religião se adapta ao local e o povo que à frequentam, logo, em regiões mais frias, como no Sul do Brasil, é quase que impossível realizar as cerimônias em espaços abertos, tendo que dispor de espaço físico para sua realização.

Para Silva (1994) as origens afro-brasileiras da Umbanda remontam, assim, ao culto às entidades africanas, aos caboclos (espíritos ameríndios), aos santos do catolicismo popular, e finalmente, às outras entidades que foram sendo acrescentadas pela influência do kardecismo. Como podemos observar, a ênfase no culto às divindades africanas e indígenas, considerados pelos kardecistas como atrasadas, e a depuração desse culto para que eles pudessem “baixar” e trabalhar na Umbanda foi uma das mais marcantes características dessa religião.

Essas entidades, representadas por caboclos e pretos-velhos, representam os espíritos dos índios brasileiros e dos escravos africanos, tornando-os centrais para a religião, tendo como sua missão e objetivo, igualar todas as raças e classes sociais que formavam e formam o povo brasileiro. Contudo os Exús que são espíritos masculinos e a Pombajira denominada como entidade feminina, possuem diversos níveis de luz, que devido a sua marotagem tem sua imagem relacionada a demônios ou espíritos malignos.

---

<sup>5</sup> Essa data, um tanto quanto representativa na história da Umbanda, encontrada em diversos textos não acadêmicos a que tive acesso. Foi declarada pelos seus adeptos como Dia Nacional da Umbanda. Em 2008 foi sancionado O dia da Umbanda e do Umbandista no Estado do Rio de Janeiro, lei nº 670/2008 e em 2012 foi instituído pela Presidenta Dilma Rousseff, sob a lei 12.644 de 16 de maio, o Dia Nacional da Umbanda.

A visão depreciativa e preconceituosa, da qual o índio e o negro foram vítimas até o final de século passado, aos poucos foi dando lugar às interpretações menos pessimistas sobre o valor de suas contribuições para a formação da cultura brasileira. (SILVA, 1994, p. 99)

A Umbanda é uma religião da qual os cultos são baseados na incorporação de espíritos, onde o médium recebe a entidade<sup>6</sup> com propósito de atender o público que deseja ser consultado, tendo como lugar específico de culto: templo, centro e terreiro, local destinado a realização do culto aos orixás e entidades.

"A possessão é portanto o elemento central do culto, permitindo a descida dos espíritos do reino da luz, da corte de Aruanda, que cavalgam a montaria da qual eles são senhores." (ORTIZ, 1999, p. 71).

---

<sup>6</sup> No campo da Umbanda e religiões afro-brasileiras, entidade é um espírito que atingiu uma certa evolução espiritual e que tem permissão para se comunicar com os seres humanos através de médiuns, exercendo o papel de conselheiro e orientador.

### 3 A INFLUÊNCIA DA ALIMENTAÇÃO NO PROCESSO HISTÓRICO

Na pré-história, muito antes do homem saber caçar, ele era coletor, comia raízes, frutos e sementes. Com o passar do tempo, as técnicas foram se transformando, e conseqüentemente seus hábitos mudaram, não bastando apenas mais a alimentação vegetal, era necessária uma nova forma de se alimentar, da qual a caça foi lentamente um modo de reestruturação alimentar e cultural. A partir deste momento, o homem necessitava de mais, e introduziu a caça no seu processo alimentar, mas pelo que se entende, isso ocorreu antes da descoberta do fogo, pois já se tinha conhecimento de calor, fato este que se explica pelas fontes termais de gêiseres, da qual o homem teria cozido seu alimento no próprio calor da água, prolongando a cocção no fogo para os anos seguintes.

Desde a antiguidade, o mundo sempre relacionou a comida com seus modos de agir, pensar, falar e ser, algo cultural, porém pessoal e íntimo, estritamente ligado ao próprio ser. Dionísio deus do vinho, é a prova de que a própria crença também está relacionada a alimentação, e vice e versa, a alimentação relacionada a religião. Através dos ritos e cultos, era oferecido algum alimento específico para um determinado Deus, como forma de pedir ou agradecer, pois a comida tem um papel de identidade, cultura, política e de ordem social, tendo o alimento um papel de estruturação do próprio povo. Além das questões básicas da culinária como cortar, cozer, temperar, a relação do alimento, a comensalidade, onde se come, com quem se come, e o que se come são dados importantíssimos que se relacionam a questões identitárias.

Os alimentos consagrados foram uma ferramenta importante para a religiosidade e o espírito. O uso de plantas medicinais, estudo sobre seu uso, e suas aplicações, foram estudados pelo homem, como uma forma de purificar e energizar-se, obtendo tudo através da natureza. O uso variado das ervas, os diversos métodos de cocção e infusão foram a principal forma de consagrar isso como religioso. A extração de óleos essenciais, retirados de algumas plantas, eram consideradas sagradas, pois com isso eram feitos os banhos purificantes.

Os benefícios da utilização de algumas drogas vegetais eram utilizados pela maioria dos povos antigos, muitas vezes sendo consagrados como ervas da imortalidade, como a cannabis, ópio e coca, que juntas, poderiam ser utilizadas como função antioxidante, podendo curar algumas doenças como cegueira e a infertilidade.

Um alimento muito utilizado pelas civilizações antigas, em especial os povos pré-colombianos era o Peiote, um cacto pequeno, encontrado no México e nos Estados Unidos. Quando realizada sua ingestão, através de seu suco, ou comendo sua polpa, seu efeito alucinógeno começa a agir no organismo, permanecendo por até 12 horas no corpo. Seu maior consumo era em rituais, como forma de se aproximar de seus Deuses e em cerimônias que comemoravam a semeadura ou a colheita.

Entre os gregos, o principal alimento era o peixe, resultante de sua extensa faixa litorânea, e de um solo não apropriado para a agricultura. Serviam como acompanhamento aveia e centeio, além da utilização de temperos e condimentos. Já para as classes altas, serviam-se diferentes tipo de carne, entre elas a de cabra, porco, carneiro e boi.

Na idade média, com a queda do império romano e as invasões bárbaras muito do que se havia existido, passou a ser culturalmente modificado pela miscigenação dos povos. A cultura destes povos deixa de ser heterogênea e passa a ser criada uma nova linhagem, da qual se tem outros valores, maneiras, gostos e costumes, pois não havia apenas romanos e bárbaros, mas sim uma união, tendo como principal vetor o cristianismo. Havia alimentos diversos e uma boa cultura alimentar, porém não se havia um equilíbrio de quem o consumia, desde a construção de mosteiros e igrejas, o clero sempre plantou trigo e videiras ao redor de seus campos, surgindo o alimento mais sagrado da Igreja Católica, o pão (corpo) e o vinho (sangue). Entretanto esses alimentos não foram selecionados especificamente, mas sim, eram os que a igreja tinha de mais abundante.

O período de várias transformações alimentares enfrenta a mudança de uma nova cultura surgindo, novos hábitos, transformações sociais e econômicas. Neste período a urbanização toma proporção, e a expansão demográfica cresce, decorrente do êxodo rural. As famílias camponesas migram para a cidade, e com isso há uma necessidade de mercado, pois no campo se plantava e comia, agora, se necessita de uma circulação de mercadoria, pois as cidades estão cada vez mais populosas e com um crescimento demográfico exacerbado. Com a exploração das minas de sal, era possível curtir o couro, e aprimorar a conservação de alimentos. As cruzadas foram responsáveis pelo desenvolvimento do comércio europeu, atravessando fronteiras em busca de especiarias, como noz-moscada e pimenta, considerados produtos de primeira necessidade, mas limitada a uma pequena parcela da população que podia pagar seus elevados custos.

E é com o desbravamento dos mares pelos europeus, que se iniciou a era moderna, e com isso uma nova expansão comercial, que teve sua repercussão na alimentação. As famosas e tão disputadas especiarias das Índias foram amplamente difundidas no continente europeu. As carnes, por exemplo, necessitavam de métodos e produtos para que pudessem suportar a ausência de meios de refrigeração, caso contrário se estragariam facilmente. As especiarias resolveram esse problema que atormentava os europeus e causava um grande estrago de carnes.

Os novos estudos e descobertas químicas também favoreceram para este desenvolvimento, como novos métodos de produção de bebidas alcoólicas, aumentando conseqüentemente seu consumo.

A retomada da expansão demográfica, provoca um abalo de todas as estruturas de produção e abastecimento de alimentos. A população da Europa no século XIV ultrapassava a 90 milhões de pessoas, com o considerável aumento demográfico, já no século XVIII esse número passa a ser duas vezes maior.

Com o processo do êxodo rural, as famílias migraram para as cidades, lotando-as e necessitando de um novo comércio, surge o desenvolvimento do transporte e meios de locomoção mais aprimorados, como a máquina a vapor.

O comércio começou a ser aprimorado e difundido, com o surgimento da indústria, a alimentação também passa por modificações, uma nova apresentação de alimento é criada, deixando o processo artesanal em segundo plano. Fabricado em grande escala por poderosas indústrias, alimentos como farinha, óleos, açúcares e vinagres.

Batata, chá, cacau e café, foram alguns dos alimentos incorporados a dieta dos europeus no período moderno, entre eles, o açúcar, chamado de ouro branco.

Na idade contemporânea, o consumo de açúcar, que até então era restrito a elite, passa a ser difundido na alimentação popular. Ocorreram grandes mudanças sociais neste período, entre elas a redução do trabalho doméstico com o surgimento das indústrias. Nas classes populares o trabalho das mulheres era tanto ou mais do que os dos homens, pois tinham o trabalho rural ou industrial além do doméstico. Com isso, diversas mulheres foram trabalhar em fábricas ou em escritórios, porém com uma carga horária elevada e sem tempo para os fazeres domésticos.

Através de uma necessidade, surge então na metade do século XX uma nova modalidade na indústria; os eletroportáteis, com o intuito de ajudar na manutenção da casa e no preparo de refeições, ocasionando uma enorme demanda destes produtos

para a indústria de equipamentos eletrodomésticos e das indústrias alimentares.

Com este avanço tecnológico, a sociedade burguesa passa a não precisar de uma pessoa específica para cozinhar, e fica sem suas cozinheiras. Diante disso, surgem locais próprios para o consumo de comidas prontas, um estabelecimento onde se podia escolher, comer, e pagar o prato desejado, dando origem aos restaurantes. Esta transformação favoreceu somente a burguesia, pois não bastava apenas ter uma situação financeira apropriada, mas sim ter um prestígio social e status, visto que para frequentar os renomados restaurantes era necessário ter dinheiro.

No que diz respeito aos restaurantes, sua função inicial é de uma gastronomia de luxo e riqueza, para uma classe minoritária. Sobretudo há uma demanda de restaurantes mais modestos e práticos, já que sua função é alimentar uma clientela numerosa e crescente de homens e mulheres trabalhadores que deixam de fazer suas refeições em casa, e optam por algo prático e rápido. Esta nova maneira passa a transformar a economia, pois ocorre crescente expansão urbana, e uma nova forma de comércio.

É no século XX que a dieta do mediterrâneo teve sua intensificação e seus tempos áureos. A substituição de manteigas e alimentos gordurosos por óleos vegetais, como o azeite de oliva e o óleo de amendoim e nozes, se fortaleceram na Europa, e espalharam-se por todo o mundo, aumentando fortemente o consumo de oleaginosas, como castanha, amêndoas, amendoins, entre outros, além do consumo de peixe e outros frutos do mar.

Com os fortes processos de industrialização, e o homem cada vez com menos tempo, a indústria alimentícia se fortaleceu e criou formas práticas e rápidas de se alimentar, um exemplo disso é a criação do leite em pó, e proliferação das redes de *fast-food*.

## 4 VISITA DOS TERREIROS

Foram analisados três terreiros de Umbanda na cidade de Caxias do Sul, entre os meses de agosto a outubro, compostos por diferentes públicos e comunidades. As visitas foram acompanhadas pelos representantes das terreiras, para posterior fazer as perguntas elaboradas por um roteiro específico. Em seguida foi estudado os conceitos em bibliografias encontradas.

### 4.1 TERREIRO DA MÃE MARIA

Localizado em uma região periférica da zona norte de Caxias do Sul, este terreiro atua a 10 anos recebendo um público diversificado de adultos, crianças e idosos de sua própria comunidade. Realizando os rituais na parte inferior de sua própria casa, Mãe Maria recebe os frequentadores semanalmente, sem um cronograma fixo, porém iniciando sempre a cerimônia a noite a partir das 20h, com duração média 120 minutos cada ritual. No local, possui uma placa, que é interessante destacar como está denominado o nome, como Centro Espírita de Umbanda. Aqui percebemos as relações com o kardecismo.

Figura 1 – Placa de entrada



Fonte: Acervo pessoal (2018)

O local conta com uma estrutura simples de uma peça só, com capacidade aproximada para em torno de trinta pessoas, dispendo de poucos acentos, deixando a maior parte de seu público em pé durante os rituais. O espaço não inclui janelas e é pouco arejado, suas paredes escuras em tons de verde militar contribuem para uma baixa luminosidade. Frequentam no espaço, uma média de nove médiuns que auxiliam para os trabalhos realizados.

Assim como grande parte dos centros da cidade de Caxias do Sul, a Umbanda não é um ritual exclusivo, sendo trabalhados também neste centro, a Quimbanda<sup>7</sup> e Nação<sup>8</sup>.

Mãe Maria manifesta sua insatisfação ao debatermos sobre essa mistura entre os rituais de Quimbanda e Nação juntos com a Umbanda, já que são totalmente diferentes e possuem valores e objetivos distintos. Grande parte dos terreiros que se dizem umbandistas, misturam elementos dessas religiões, que são totalmente incorretos pelos princípios da Umbanda. Exemplo disso, é que na Umbanda não é feita nenhuma oferenda com sacrifício de animais e tem seus rituais de forma gratuita, já na Quimbanda e Nação se é permitido o sacrificio de determinados animais, além de envolver certas quantias em dinheiro. Para Mãe Maria, isso denigre a imagem de Umbanda, pois atribui-se a uma forma negativa que muitas vezes é chamada erroneamente de “macumba”.

Cada casa possui uma entidade representativa, geralmente na maioria das vezes, leva seu próprio nome, aqui no caso é Cacique Serra Negra, e sua oferenda é composta por frutas, uma especial, o abacaxi, no centro da oferenda com coração de boi cru<sup>9</sup>, acompanhado de vermute de vinho tinto, e charutos da melhor qualidade.

Ela explica que cada santo possui seu alimento típico, que se distingue conforme as energias, e que todos são como essenciais para o espírito. Exemplo disso, explicado por ela, é de que as cores também influenciam na hora da alimentação, e aqui, quando falamos em alimentação, a bebida também tem sua

---

<sup>7</sup> A Quimbanda trabalha mais diretamente com os Exus e pomba-giras, também chamados de povos de rua, de uma forma que não é trabalhado na Umbanda. Estas entidades, de acordo com a cosmologia umbandista, manipulam forças negativas, o que não significa que sejam malignos.

<sup>8</sup> Grande grupo étnico linguístico nagô iorubá que é a maior nação em solo brasileiro e ao qual presta-se o culto aos orixás. Para cada grande região ou nação existe um tipo de culto: inquices, voduns e orixás e para cada um desses cultos existia um grupo. O termo Cultos de Nação refere-se (como a palavra mesmo sugere), ao culto dedicado aos deuses que cada grupo étnico e/ou nação vindos da África trouxeram para o Brasil.

<sup>9</sup> Como na Umbanda o sacrifício de animais não é permitido, e neste caso um dos alimentos principais para a entidade é o coração de boi, o mesmo, foi comprado em um açougue, pronto para a oferenda.

atribuição. Designando assim, para Ogum, verde, vermelho e branco; Oxum a cor amarela, Iemanjá azul, preto-velho cor de rosa.

A terreira possui um grande altar, porém simples, feito de pedra e cerâmica, composto em torno de 15 imagens de diversos santos, orixás e preto velho, com alguns objetos simbólicos como a guia usada por Mãe Maria, um pequeno sino que é utilizado na cerimônia e velas.

Figura 2 – Altar Mãe Maria



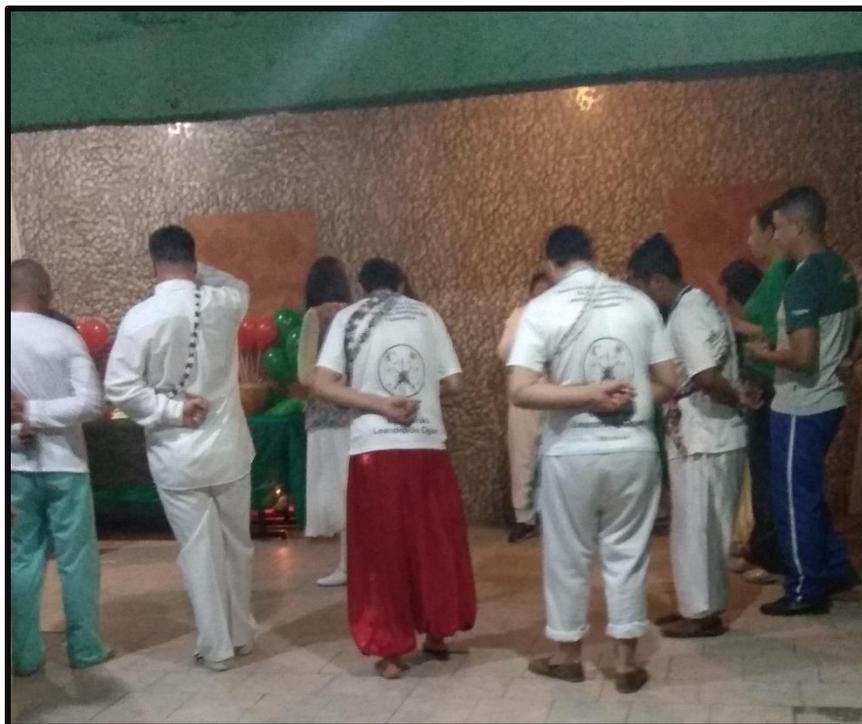
Fonte: Acervo pessoal (2018)

Em um momento de observação no terreiro, no dia 14 de setembro de 2018, o ritual inicia-se com a oração do pai nosso, e em seguida começa o procedimento da defumação do ambiente, como forma de purificação, para limpar o campo mediúnico e tirar miasmas. Em seguida uma pessoa específica, responsável por cuidar do andamento da cerimônia, começa a tocar um pequeno sino sem parar, pois tem como significado chamar os espíritos. Com isso, os médiuns da casa vão incorporando lentamente suas entidades, para posterior começar a chamar o público para a tomada de passe.

Neste momento, as entidades já incorporadas nos médiuns, normalmente pedem alguma bebida ou algo para fumar para lhe acompanhar, podendo ser água com açúcar, cachaça, cerveja, vermute, whisky, e para os fumantes, cigarros e charutos, conforme a entidade incorporada, tem sua preferência como forma

simbólica. Não são todas as pessoas participantes da cerimonia que bebem ou fumam, mas sim, somente os médiuns que trabalham para a casa.

Figura 3 – Trabalho de incorporação dos médiuns

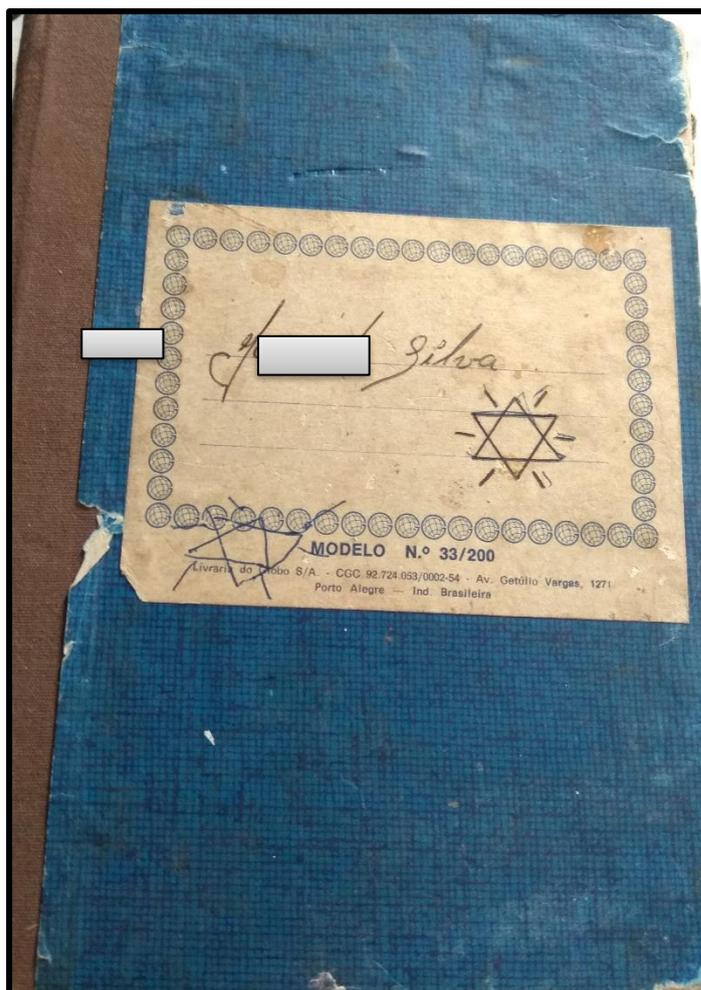


Fonte: Acervo pessoal (2018)

A entrada é gratuita, mas os frequentadores costumemente ajudam levando algum material que a casa utiliza, como velas, bebidas, incensos, flores, entre outras coisas. Quando é realizado algum tipo de oferenda, é necessário fazer o despacho, porém ela permanece no local em média três dias, para o espírito “absorver a essência” do alimento, posteriormente despachando-o em uma mata.

No decorrer das visitas e entrevistas feitas com Mãe Maria, ela mostrou um livro escrito pelo seu sogro, que também era umbandista, e que está na família a mais de trinta anos, e passará para as próximas gerações. Este livro de memória está em bom estado de conservação e foi um dos primeiros materiais que ela possuiu como referencial para se tornar Mãe de Santo; nele constam receitas e oferendas para Orixás, preto-velho e algumas informações, do tipo, como montar os pratos que se tornaram oferenda.

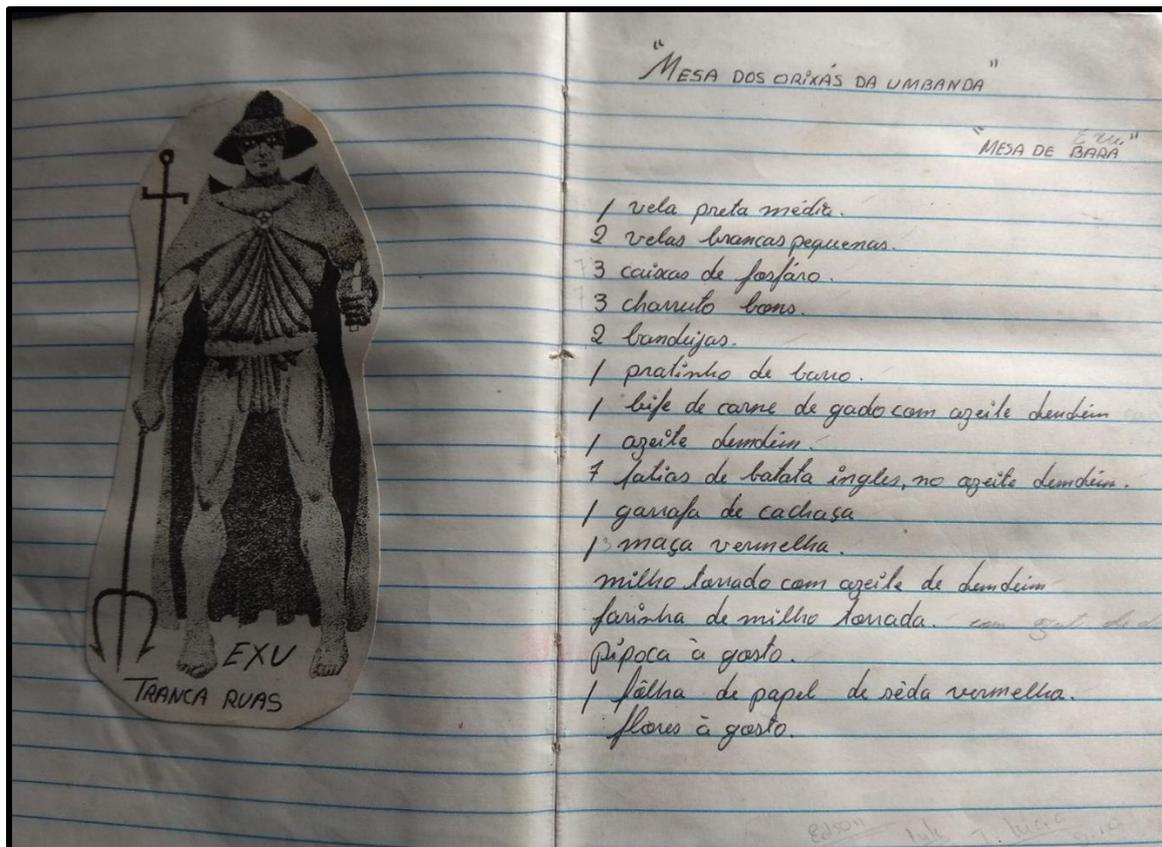
Figura 4 – Capa do livro de memória



Fonte: Acervo pessoal (2018)

Nesta parte do caderno de memória, consta uma oferenda para Bará, ou mais conhecido como Exú, contendo a quantidade e os ingrediente para a realização de sua oferenda.

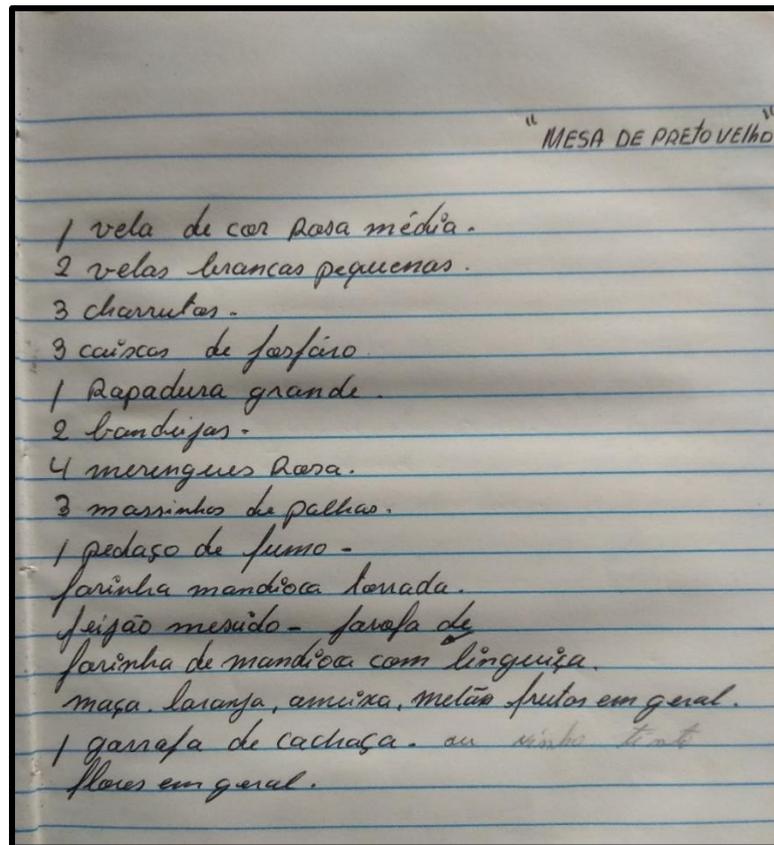
Figura 5 – Oferenda para Exú



Fonte: Acervo pessoal (2018)

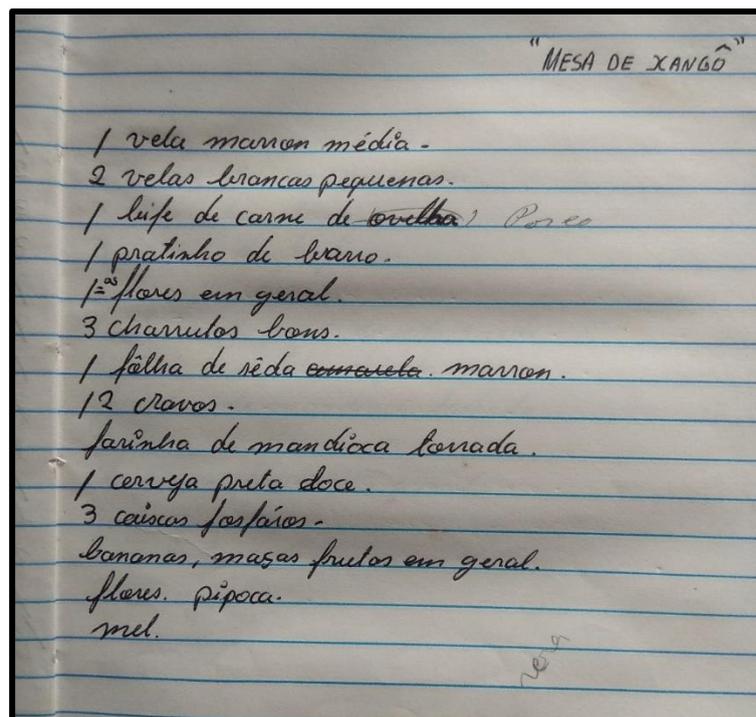
Nas páginas seguintes, possuem diversas oferendas, mas aqui, quero destacar para duas, em especial a “mesa de preto velho”, como escreve o autor, e a oferenda para Xangô. Cada qual com suas particularidades e alimentos específicos. Importante ressaltar que na Umbanda as oferendas são muito simples e práticas, no tanto que não consta o modo de preparo, pois nestes casos, não se tem importância. Diferentemente do Candomblé, que o modo de preparo é tão importante quando a alimentação que será oferecida.

Figura 6 – Oferenda para preto-velho



Fonte: Acervo pessoal (2018)

Figura 7 – Oferenda para Xangô

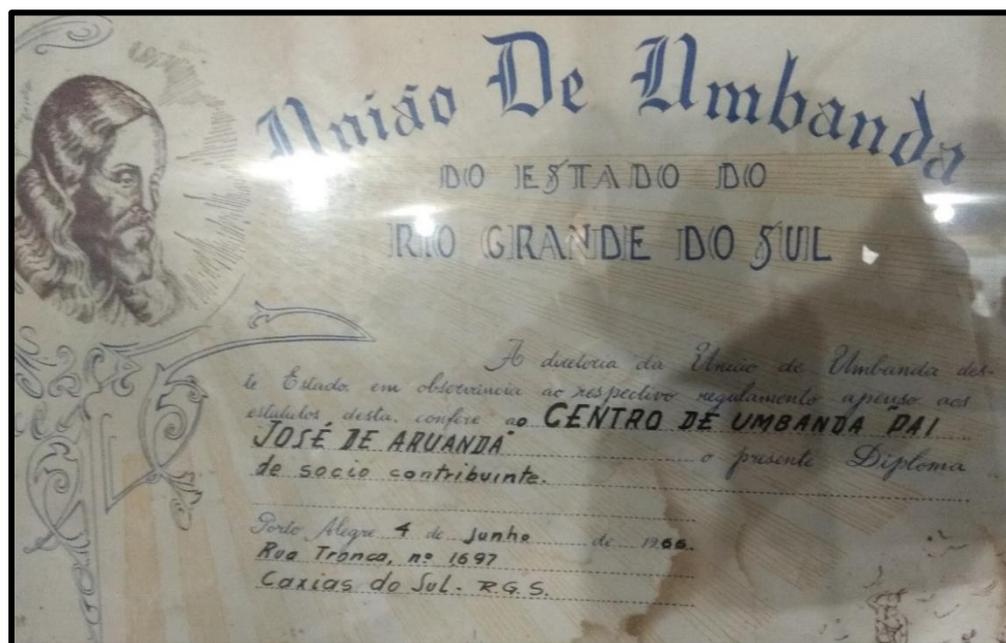


Fonte: Acervo pessoal (2018)

## 4.2 TERREIRO PAI JOSÉ

O segundo terreiro a ser explorado, foi a do Pai José, o mais antigo centro de Umbanda registrado da cidade de Caxias do Sul, fundado em 1966 por ele mesmo. Pai José hoje possui 93 anos de idade.

Figura 8 – Certificação União de Umbanda do Estado do Rio Grande do Sul - 1966



Fonte: Acervo pessoal (2018)

Figura 9 – Certificado Congregação Espiritualista de Umbanda do Rio Grande do Sul - 1967



Fonte: Acervo pessoal (2018)

Pai José conta que a Umbanda é brasileira, mas com influências africanas, porém é muitas vezes confundida como a Nação e Quimbanda, e que possui muitas pessoas interessadas somente em dinheiro dentro do meio religioso, porém para a Umbanda isso não é aplicado, pois ela é “pura” e deve ser feita por caridade, sem nenhum custo à ser cobrado. Desde a fundação de seu terreiro, nunca foi cobrado nenhum valor para a participação dos ritos.

Pai José tem sua origem na religião católica, mas conta que começou sua vida na Umbanda muito cedo, e por necessidade, como ele mesmo diz. Filho de imigrantes italianos, venho da Itália ainda quando bebê, no colo de sua mãe, e começou na Umbanda através de um amigo barbeiro que era da “macumba”.

Até que depois de ter perdido muitas coisas por motivos da comercialização do aço inox, já que trabalhava em uma metalúrgica e que a principal fonte de renda era o alumínio, iniciou-se uma grande crise, e ele perdeu sem emprego. Sofreu muito com a perda de seu trabalho, e tinha uma família grande para sustentar, ele apoiou-se em sua fé e começou a tomar “passe” com seu amigo. Até que foi convidado por uma amiga da família a visitar um centro espírita kardecista.

Quando chegou no local, percebeu algo estranho e diferente. Pai José recebeu um chamado de um preto-velho, montado em um cavalo, que lhe disse, que daí por diante, todo o dia dois de novembro deveria ser feita uma festa em sua homenagem, e que continuaria com ele por toda a vida.

Depois que baixou a primeira vez, nunca deixou de trabalhar comigo esse preto velho, relata Pai José. Ele conta que curou muita gente, porém relata, que as pessoas têm vergonha de dizer que frequentam centro de Umbanda, “eles vão todos os dias para a igreja, mas se socorrem lá no centro”, e diz que seu público é variado, oriundo de várias outras religiões, e que recebe pessoas de outros municípios também.

O terreno onde se situa a terreira foi cedido por um amigo, hoje já falecido, e o restante dos materiais necessários para a construção foram todos doados.

Figura 10 – Fachada terreiro Pai José



Fonte: Acervo pessoal (2018)

Com a construção pronta, em 1966 Pai José foi a Porto Alegre para comprar algumas imagens sacras, e montou seu centro de Umbanda, e foi neste primeiro espaço que com a ajuda de amigos e médiuns que se interessavam pelo assunto abriu sua primeira terreira.

Os médiuns que frequentavam a casa para dar os passes eram pessoas ligadas ao espiritismo, entretanto Pai José lembra de que tinha um Frei da ordem dos capuchinhos que auxiliava nos “passes”, mas que dizia que “fazia bênçãos”, para não dizer que era umbandista, entretanto ele baixava uma entidade para prestar os serviços para a população que frequentava.

Pai José explica que se inteirou e estudou muito sobre o assunto, mas que seu primeiro livro lido foi kardecista, e que depois disso foi para Porto Alegre diversas vezes para assistir palestrar e debater sobre o tema.

Atualmente o centro umbandista conta com uma equipe grande de quarenta a cinquenta médiuns que auxiliam os trabalhos no local. A terreira abre semanalmente nas quartas e sextas-feiras, com os mesmos horários de início, a partir da 20h, e com duração média de 90 minutos. O público que frequenta o espaço é diversificado, contanto com bebês de colo, até idosos.

O local é relativamente grande, e possui diversas cadeiras e bancos para a público poder se acomodar, mas frequentemente o local fica lotado e uma parte das

peças acabam ficando de pé. O espaço é arejada e possui diversas janelas, com bastante iluminação, tem paredes de madeira, pintadas de branco

Figura 11 – Espaço interno



Fonte: Acervo pessoal (2008)

Como podemos observar pela imagem a cima, o terreiro é de uma única peça, porém possui uma divisória feita com cortinas para o processo de iniciação do ritual, da qual permanece fechada. Logo após a baixa dos espíritos a cortina é aberta e começa a seção de passes. Após seu início é chamado os homens em um primeiro momento, seguindo pelas mulheres, e depois as crianças.

O local onde se é tomado os passes, possui um grande e suntuoso altar, feito de madeira, repleto de diferentes imagens santas.

Figura 12 – Altar Pai José



Fonte: Acervo pessoal (2018)

O centro de Umbanda Pai José está localizado em uma área central da cidade, facilitado a circulação dos adeptos. A terreira trabalha apenas com Umbanda, e não realiza nenhum outro tipo de ritual.

#### 4.3 TERREIRO DO PAI VALTER

Localizado na região lesta da cidade, o terreiro funciona a 20 anos no espaço, e é denominado como Centro Afro-Umbanda de Lei Caboclo Xapanã. O espaço é pequeno, designado na parte inferior de uma residência, com duas janelas, paredes de alvenaria da cor branca e piso cerâmico. Possui poucas cadeiras, dispondo em média de nove assentos.

Figura 13 – Espaço interno Pai Valter



Fonte: Acervo pessoal (2018)

No local não possui nenhuma placa informando que o espaço é destinado a uma terreira, pois segundo Pai Valter, já houve casos de vandalismo e de depreciação. Os cultos, abertos para o público ocorrem somente nas quartas-feiras com início às 20h, e com duração de 90 minutos aproximadamente. Trabalha-se somente a Umbanda como ritualização sagrada neste espaço.

Figura 14 – Altar Pai Valter



Fonte: Acervo pessoal (2018)

Pai Valter relata como iniciou sua vida na Umbanda, fato este, ocorrido a 31 anos atrás, quando ao acordar, sentiu-se diferente, como se alguém que ele não conseguia ver estivesse-o observando. “Descobri que acordei com mediunidade desenvolvida”, mas nunca tinha ido a um terreiro de Umbanda, pelo menos nesta vida. Saí para trabalhar e não sabia o que estava acontecendo, me dava tonturas, e apagões nos olhos; o medo tomou conta de mim, relata o entrevistado.

Eu estava em pânico, meus amigos e familiares não sabiam mais o que fazer, até que por indicação de um amigo, comecei a frequentar diversas casas umbandistas, mas senti que havia um vazio, e que minha missão precisava ser cumprida. Até que nos anos 80, me senti equilibrado e abri minha primeira terreira. Pai Valter diz que a Umbanda é pura, é da paz, da solidariedade e do amor ao próximo, e relata que umbandistas não fazem mal a ninguém. Conta que é como um zelador, e que o dono de sua terreira é Deus.

Por ser um espaço relativamente pequeno, trabalham junto dele, nove médiuns, e seu público é instável, podendo ser 5 pessoas em uma semana e na próxima 10.

Os rituais de limpeza são os mais procurados; e quando peço sobre a alimentação, como em todas as terreiras, Pai Valter comenta que é feito somente em

datas festivas e quando há necessidade de uma oferenda. Citou alguns exemplos como: os pretos-velhos, denominados como os escravos do passado, que para eles são oferecidos feijão mexido, pipoca, rapadura, cachimbos e cachaça, além da grande importância das frutas, como forma simbólica da representação da natureza.

Para Pai Valter a Umbanda é de origem africana, e sua base está na África, e foram seus descendentes que a trouxeram no sangue, a essência dos orixás para o Brasil. Ao ser indagado se sofre alguma forma de discriminação por ser umbandista, ele relata que não, que a religião não tem influência, mas sim, por ser negro; sofrendo preconceitos raciais diários.

## 5 ALIMENTAÇÃO NA UMBANDA

Através das pesquisas realizadas em três terreiros de Umbanda na cidade de Caxias do Sul, observou-se que a alimentação emprega um papel sociocultural de forte presença nos terreiros. Por ser uma religião sincrética, a Umbanda é adaptável conforme a região se está, isso é muito particular e interfere na forma em que cada terreiro realiza seus rituais, banquetes, oferendas e cultos, desta forma, nenhum é igual ao outro.

Obtive contato com uma Mãe de santo que reside em Salvador – BA, que explicou diversas características da Umbanda. Segundo Mãe Bárbara<sup>10</sup>, a Umbanda se adequa ao público que ela pretende atender, “em uma forma lúdica e espiritual, existe uma Umbanda astral que seria um bolo, e cada terreiro recebe uma fatia deste bolo, então cada casa acessa um público diferente e específico de pessoas que podem escolher onde se sentem melhores, se comparecerem no terreiro A ou B.”

A Umbanda nasceu justamente com o propósito de atingir as classes menos favorecidas e que não se sentiam pertencentes a nenhum grupo social já existente, por esse motivo, ela absorve diversos fundamentos do cristianismo, espiritismo e principalmente do Candomblé. Prova disso, é que não existe uma comida fixa, ou rígida para cada santo, pois os terreiros se adaptam a região que estão inseridos, a sociedade que nele frequenta e a própria cultura. Diferente do Candomblé que proporciona verdadeiros banquetes, a Umbanda por pregar seus valores na simplicidade, humildade e caridade, seus pratos são muito mais simples, podendo assim com que cada terreiro possa modificar algum alimento específico conforme seu público, facilitando com que qualquer um possa comprar os alimentos necessários para a realização do ritual ou oferenda. Um pequeno exemplo disso é que em um terreiro é oferecido pudim de baunilha e melão à Oxum, enquanto outra casa se oferta apenas frutas suculentas e amarelas. Neste caso a alimentação não está destinada apenas a fatores nutricionais ou espirituais, mas sim em uma lógica, como no caso do melão que é destinado a Oxum, isso porque ele é amarelo por fora (cor do orixá) branco e aguado por dentro (Oxum é a rainha da água doce, dona dos rios e cachoeiras) em razão disto, é como um útero jovem que está ligado a fertilidade do

---

<sup>10</sup> Em entrevista feita através de e-mail, Mãe Bárbara auxiliou expressivamente com informações iniciais sobre a Umbanda. Dona de duas terreiras de Umbanda em Salvador, é administradora de uma página online no Facebook sobre Umbanda e seus rituais.

orixá.

Em qualquer ritual da Umbanda que disponha de alimentos, as frutas sempre se fazem presente. Por trabalhar os orixás como manifestações da natureza, as frutas seriam algo mais puro retirado nela, desta forma as frutas seriam a própria natureza em vida.

Ao fazer a pesquisa relacionado ao assunto alimentação e Umbanda, o que se encontra é muito pouco, havendo mais informações em sites relacionados a casas e terreiros de Umbanda ou em trabalhos acadêmicos em que a contextualização é a Umbanda, porém o alimento não é o estudo central, e se encontra nas entre linhas.

Impera lembrar que o alimento está relacionado com os modos sociais e culturais estabelecidos pelos grupos que ali pertencem, vale lembrar Carneiro (2003) que o que se come é tão importante quanto a onde se come, com quem se come e porque se come, afirmando que as práticas e costumes alimentares fazem parte de um meio suficiente e capaz de compreender a religião e seus costumes através da comida.

Ferrari (2016) afirma que ao tratar-se da fé, a comida deixa de ser apenas um alimento para o corpo e assume um papel espiritual, refletindo geograficamente e socialmente no território onde determinadas comidas e bebidas são adotadas pelos rituais da religião.

A comida como parte histórica do povo e religião, através das dimensões dos paladares e aromas comprovam que certos pratos são considerados como identitários e bens de memória culturais como patrimônio imaterial. A influência alimentar na cultura de um povo ocorre a partir de sua realidade e geografia, oriunda de civilizações influenciadoras externas (SANTOS, 2011). As cozinhas locais, regionais e nacionais são produtos de miscigenação cultural, revelando que suas maneiras alimentares são ditadas por regras culturais.

Na boca do homem que é um espaço culturalmente sacralizado que recebe a comida como algo sagrado, daí se inicia um processo palatável, que é precedido em primeiro lugar pelo visual, pelo olfato, formando estética própria para a compreensão dos alimentos, como descreve Raul Lody, no livro 'Santo também Come':

Fator determinante para a união e preservação das ações dos deuses é a alimentação sagrada. Os muitos pratos que constituem o cardápio votivo possibilitam o reconhecimento, o conhecimento das peculiaridades das divindades e de como agradá-las, mantendo, assim, a vida religiosa. Os muitos procedimentos artesanais da cozinha sagrada, os detalhes, e a

sofisticação, dão qualidades especiais a cada prato, individualmente, forma, estética, sabor, sentido simbólico e nutricional dos alimentos (LODY, 2012, p. 23-24).

A comida é antes de tudo um dos mais importantes marcos de uma cultura. O fator alimentar implica um ato nutricional, mas também cultural e social, específico de um povo, marcado por sua convencionalidade de comer. Nascendo de uma necessidade biológica de sobrevivência, porém não retira seu significado próprio de cada alimento, sinalizando o ato de comer, como um dos mais marcantes atos íntimos compartilhado pela sociedade.

Nenhuma comida é dada sem algum motivo ou circunstância no âmbito sócio- religioso, tudo tem uma explicação e significado, cada ingrediente e sua elaboração fazem parte do servir de cada terreiro. Se tratando da temática, que para uns instiga a curiosidade e outros desperta o medo, vista que ainda apresenta estereótipos, e que é julgado como uma forma negativa. Diferentemente do Candomblé que possui uma variada gama de literaturas, a Umbanda-alimentação pouco se encontra sobre a assunto, havendo mais informações em sites umbandistas<sup>11</sup>, permitindo assim, fazer uma análise e compreensão diante de abstrações nas práticas alimentares umbandistas.

Visto que o objetivo deste trabalho é identificar a importância de alimentos utilizados em rituais de umbanda no município de Cidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. Os resultados foram obtidos através da observação ativa em três terreiros, entre os meses de julho e outubro do ano de 2018, além do auxílio e suporte de revisões bibliográficas.

Ressaltando lembrar que este trabalho não abrange no âmbito totalitário sobre a temática alimento e Umbanda, mas sim, específico em terreiros da cidade de Caxias do Sul, como visto acima, esta religião é sincrética e mutável, adaptando-se a sua região e ao seu público.

Diferente do Candomblé, a Umbanda faz uso considerável de frutas em suas oferendas. Esclarece Ribeiro (2009) que por se tratar de uma religião relativamente simples, seus alimentos não são de grande elaboração, já que o sacrificio de animais

---

<sup>11</sup> Os sites referidos, que tratam sobre receitas são muitos. Entretanto cada site, isto é, exclusivo de uma terreira, tem seus ingredientes e forma de preparo específico, conforme a crença de cada mantenedor. Como por exemplo: <https://centropaijoaodeangola.com/ofereandas-na-umbanda.php>; <http://www.tucabocloubirajara.com/tipos-de-ofereandas-na-umbanda/>; <https://umbandadochico.com.br/tag/ofereanda/>, entre outros.

não é permitido, geralmente utiliza-se canjica, arroz e frutas diversas. Esse alimento não é ingerido pela entidade, mas sim a crença da manipulação energética.

O que é oferecido para as entidades está relacionado com a representação que se tem nacional, como por exemplo aos Êres (crianças) se oferece doces e refrigerante de guaraná, como uma festa infantil, as Pombagiras frutas vermelhas e champanhe, aos caboclos frutas e aos preto-velhos pipoca.

Através das observações feitas nos terreiros, foi possível acompanhar a festa de Cosme e Damião destinada aos Êres. A oferenda era diversa, e havia bolo, refrigerante, docinhos como brigadeiro e beijinho, pastéis, além de muitos doces, entre eles balas, pirulitos e maria mole; a impressão que se tinha era de estar em uma festa infantil. A comida foi servida antes para as entidades baixadas, logo após compartilhada ao público participante que comia tudo na mão, sem a utilização de talheres ou pratos.

Em outro momento, acompanhou-se uma oferenda dedicado ao santo da casa, Cacique Serra Negra, que foi realizado uma grande festa em sua homenagem. O espaço estava decorado com balões nas cores verde e vermelha, que representam o Cacique, e comida que a entidade gosta, contendo em uma mesa com um bolo de aniversário, escrito o seu nome nele, uma mesa com brigadeiros e beijinhos, além de uma grande quantidade de salada de frutas, alimentos estes, que após a cerimônia, seriam compartilhados. No altar havia a oferenda específica para o santo, composta por uma gamela com diversas frutas, sendo elas: melancia, ameixa, morangos, maçã, melão, manga, laranja, uvas, carambola, banana, kiwi, entre eles, o abacaxi tendo papel de destaque, rodeado por um coração de boi, no centro da gamela (como na Umbanda não é permitido o sacrifício de animal, a Mãe de santo do terreiro, explicou que o coração de boi é alimento que representa o Cacique da casa), e que por ter sua simbologia relacionada a vida e a troca vital, além de sua bebida que é vermute rose, acompanhados de charutos da melhor qualidade, velas da cor verde e flor cravo da cor vermelha, oferenda está destinada apenas ao Santo da casa que é o Cacique.

Observou-se que a comensalidade em dias de festa é abundante e farta, com grande diversificação, diferente de oferendas “cotidianas”. Vale ressaltar que o alimento na vida do Umbandista é muito relevante em seu dia a dia, assim como seus objetos pessoais como amuletos e guias, relacionando a cor com o Orixá.

Quadro 1 – Bebidas e os guias espirituais<sup>12</sup>

GUIAS ESPIRITUAIS	BEBIDAS
Ogum	cerveja branca
Xangô	Cerveja preta
Oxum	Guaraná
Caboclos	vermute / água com açúcar
Exús	Cachaça
Iansã	Guaraná

Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

## 5.1 COMEMORAÇÕES E FESTIVIDADES

A alimentação na Umbanda não faz parte do ritual cotidiano, mas sim apenas em datas ou festas específicas, demonstrando sua festividade e devoção através da comida. O alimento tem fator importante, pois é a oferenda para o espírito e orixá, então todo cuidado é pouco quando se fala de algo tão simbólico para a religião.

Durante a elaboração desse trabalho, podemos observar duas grandes festas que foram utilizados diferentes alimentos, realizadas por diferentes terreiras.

No dia 27 de setembro é comemorado o dia de São Cosme e Damião, e no terreiro do Pai José, pude participar desta linda celebração que ocorreu na sexta-feira, dia 28 de setembro de 2018. Também chamados de Êres, são entidades alegres e festeiras, que representam as crianças. Na Umbanda sua festa é tradicional e marcada pela distribuição de doces e guloseimas.

<sup>12</sup> Quadro elaborado a partir de informações compartilhadas por Pai José.

Figura 15 – Festa Cosme e Damião



Fonte: Acervo pessoal (2018)

Podemos observar através da imagem, que o espaço recebe decoração específica para a festa, tendo como interpretação o infantil representado pelos balões.

O ritual começa de uma forma normal, como todas as seções de passes. Em um primeiro momento as entidades são baixadas nos médiuns para começar os atendimentos pessoais. Ao terminar os passes, o responsável da casa, anuncia que era dia de festa e que haveria um segundo momento para a comemoração, e quem quisesse poderia participar. O público que frequenta o espaço, já conhece as datas e sabe como funcionam, então, a maioria das pessoas, levou algum alimento específico de festa infantil, como bolo de aniversário, refrigerante de guaraná, doces entre eles, brigadeiro, beijinho, balas, pirulitos, pasteis, maria-mole, além de brinquedos infantis, como boneca, apitos.

Os médiuns começam a baixar essas entidades, ao som do sino tocando e de hinos umbandistas. A “mesa” é posta no chão, em cima de uma toalha de renda, da cor branca, onde os alimentos são postos em cima. Por se tratar de entidades infantis, todos ficam no chão, e sua grande maioria engatinha e brinca durante todo o ritual. Após a alimentação dos médiuns incorporados, é permitido ao público que participe da partilha dos alimentos. O ritual terminou em torno das 23h, e teve uma grande parcela do público que participou das comemorações, principalmente pais e crianças.

Figura 16 – Alimentação da Festa de Cosme e Damião



Fonte: Acervo pessoal (2018)

Participamos de mais uma grande festa, esta ocorrida no terreiro de Mãe Maria, dedicada a entidade da casa, Cacique Serra Negra. A comemoração ocorreu no dia 07 de setembro de 2018, e teve seu início às 23h. A festa, iniciou-se como normalmente é feito os rituais dos médiuns, em que é tocado o sino e as músicas são cantadas pelos músicos da casa, neste dia, havia dois homens. Após as entidades baixarem nos médiuns, foram servidos a eles, bebidas alcoólicas, tais como cerveja, vermute, cachaça e whisky, cada um com sua preferência e bebida específica, também eram dispostos cigarros e charutos.

Para a entidade da casa, foi oferecido como oferenda, disposto no altar, em cima de uma toalha das cores que são sua representação, vermelho e verde, diversas frutas, entre elas o abacaxi centralizado e um coração de boi envolvendo-o. Mãe Maria explica que o abacaxi por ter sua “coroa” representa algo superior, e o coração de boi, simboliza a troca vital, o órgão principal de qualquer ser.

Figura 17 – Oferenda Cacique Serra Negra



Fonte: Acervo pessoal (2018)

Além das variadas frutas, que como mencionado são a representação na natureza, esta oferenda que está no altar, não é consumida, e tem seu papel de traduzir a ceia para o Caboclo. Questionei sobre o que é feito com esses alimentos, e por se tratar de uma oferenda específica, não pode ser consumida, e seu descarte é feito logo após 3 dias, depositado em mata fechada.

Porém é dia de festa, e o público também se alimenta, entretanto com alimentos preparados para este fim.

Figura 18 – Alimentação para o público



Fonte: Acervo pessoal (2018)

Podemos constatar que possui um bolo de aniversário, escrito sobre ele Cacique Serra Negra, doces como pirulitos, brigadeiros e beijinhos, um recipiente com variadas frutas, além de uma grande quantidade de salada de frutas; tudo isso, decorado com balões. Depois da cerimônia de oferenda ao Cacique, é servido ao público os alimentos destinados a eles. A festa acaba por volta das três horas da manhã.

E por último, observamos a festa destinada aos Exús, oferecida por Mãe Maria na sexta-feira dia 29 de setembro de 2018.

Os Exús e Pombagiras são as mesmas entidades, porém são distintas pelo gênero masculino e feminino, e são apreciadoras de uma boa bebida, bom fumo, e várias gargalhadas. Vale lembrar que esta entidade não tem sua representação no demônio, como muitas à associam, e tem papel fundamenta na Umbanda, pois é o responsável por levar nossos pedidos aos orixás.

Por serem festivos, usam roupas diferenciadas e extravagantes em tons de vermelho e preto, e são geralmente, festas consideradas grandes e divertidas que costumam terminar no nascer do sol. Suas oferendas geralmente envolvem charutos, Champagne e rosas vermelhas e são destinadas para fazer algum tipo de pedido, como achar um emprego, trazer a pessoa amada de volta, abertura de caminhos e entro outras tantas formas que o Exú pode ajudar.

Figura 19 – Festa do Exú



Fonte: Acervo pessoal (2018)

Figura 20 – Músicos da festa



Fonte: Acervo pessoal (2018)

## 6 CONCLUSÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo, estudar as influências alimentares nos rituais de Umbanda na cidade de Caxias do Sul, entre o período de 1966, início do primeiro terreiro na cidade, até o ano 2018, levando em conta o perfil socioantropológico dos terreiros analisados. Estudar a história local da cidade de Caxias do Sul através da óptica historiográfico, implica em conhecer o homem por meio de seu olhar sob a realidade em que vive, a partir de uma religião pouco discutida e que sofre olhar estereotipados e preconceituoso por uma sociedade que não as compreendem como estrutura teológica.

Nessa perspectiva, as oferendas são vistas com um olhar de negação, relacionando a magia negra ou trabalho para o mal. Tendo como finalidade, contribuir em suas diversas maneiras, a melhor compreensão da alimentação nas práticas e cultos umbandistas. Um tema amplo, com fatores interdisciplinares, atingindo e envolvendo diversas áreas do conhecimento.

Ampliando os olhares, compreendendo uma cultura através da alimentação incorporada a religião, analisando seus fatores dentre a comensalidade e seus valores simbólicos, ligando o homem ao mundo dos espíritos. Com ênfase nas imagens apresentadas, pode se compreender a realidade local e a forma que os alimentos são utilizados para cada terreira, forma esta única, da qual cada espaço utiliza de forma diferente e não podendo fazer uma análise generalizada sobre o assunto, pois elas são individuais e únicas.

A relação entre alimentação e religião, abrange um universo de possibilidades de pesquisa entre o território umbandista. Seus adeptos constroem diferentes formas culturais alimentares, que se difere entre os terreiros. Entretanto, a pesquisa descreve como os terreiros utilizam os alimentos, e como denomina-o como sagrada, pois fazem parte do patrimônio material e a imaterial da cultura e sociedade da cidade de Caxias do Sul.

Na verdade, temos aqui uma história antropológica, baseada na metodologia de observação participativa, que também entra pelos caminhos de uma história da cultura imaterial. Dentre as diversas dificuldades para se achar fontes bibliográficas por se tratar de um tema relativamente novo e pouco discutido, o trabalho utiliza como ferramenta principal a história oral, resgatando a memória das entrevistas para a contribuição deste trabalho.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004. 236 p.
- ARMESTO, Felipe Fernández. **Comida uma história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010. 362 p.
- BARROS, José D'Assunção. História cultural: um panorama teórico e historiográfico. **Textos de História**, São Paulo, v. 11, p.1-27, 2003. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/viewFile/5925/4901>>. Acesso em: 25 out. 2018.
- BARROS, José D'Assunção. Sobre a feitura da micro-história. **OPIS**, v. 7, n. 9, jul-dez 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/viewFile/9336/6428>> Acesso em: 05 out. 2018.
- BARROS, José D'Assunção. **Teoria da história: os paradigmas revolucionários**. 3. ed. São Paulo: Vozes, 2013. 328 p.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade - Lembrança dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 488 p.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987. 424 p.
- BROWN, Diana. **Umbanda e Política**. São Paulo: Marco Zero, 1985. 156 p.
- BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992. 354 p.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 216 p.
- CARNEIRO, Henrique. **Comida e sociedade: uma história da alimentação**. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003. 185 p.
- CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência da história popular do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1986. 336 p.
- CRUMPACKER, Bunny. **A vida sexual dos alimentos: uma história através da história e da psicologia da comida**. São Paulo: Ideia e Ação, 2009. 366 p.
- FAGUNDES, J. **Umbanda e seus orixás**. São Paulo: Geek, 2005. v. 2.
- FALCON, Francisco José Calazans. A história das idéias na historiografia brasileira recente: uma tentativa de balanço. **Outros Combates Pela História**, [s.l.], p.499-508, 2010. Acesso em: 06 out. 2018.
- FERRARI, Evandro Sérgio. Religiões e hábitos alimentares: uma construção histórica. **Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões**, Vitória-ES, v.

4, n. 2, jul./dez., 2016. Disponível em:  
<<http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/unitas/article/view/416/355>>. Acesso em: 05 out. 2018.

FIORE, Gabriela. **A influência da religião no hábito alimentar de seus adeptos.** [S.l.: s.n., s.d.]. Disponível em:  
<<http://www.unilago.edu.br/revista/edicaoatual/Sumario/2014/downloads/4.pdf>>  
Acesso: 02 de nov. 2018.

FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. **História da alimentação.** 6. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2008. 885 p.

FRANCO, Ariovaldo. **De caçador a gourmet:** uma história da gastronomia. 4. ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2006. 287 p.

GONÇALVES, Fábrio da Silva. A comida dos homens e a comida dos espíritos: um estudo sobre práticas alimentares no Candomblé e na Umbanda. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DO CONSUMO, 8 ; ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO DE ESTUDOS DO CONSUMO, 4 ; ENCONTRO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DO CONSUMO, 2. **Anais...** Niterói, RJ: 2016. Disponível em:  
<[http://www.enec2016.sinteseeventos.com.br/resources/anais/7/1475806817\\_ARQUIVO\\_artigosobrealimentacao\(1\).pdf](http://www.enec2016.sinteseeventos.com.br/resources/anais/7/1475806817_ARQUIVO_artigosobrealimentacao(1).pdf)> Acesso em 22 de set, 2018.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. Memórias de leitura e formação de professores: considerações sobre a apropriação da fala do outro. **Historia oral**, v.18, n. 2, 2015. Disponível em:  
<<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=579>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

LODY, Raul. **Santo também come.** 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2012. 156 p.

MEDEIROS, Saul de; ROSA, Sérgio Ubirajara da Silva da. **Educação ambiental e as práticas das religiões afro-umbandistas:** Caderno de orientação. Caxias do Sul: Associação de Umbanda Caxias, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. **Revista de História**, n. 155, p.191-203, 30 dez. 2006. Disponível em:  
<<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19041>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

ORNELLAS, Lieselotte Hoeschl. **A alimentação através dos tempos.** Rio de Janeiro: Fename, 1978. (Cadernos Didáticos).

ORTIZ, R. **A morte branca do feiticeiro negro:** Umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 132 p.

REVEL, Jean. **Um banquete de palavras:** uma história da sensibilidade gastronômica. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 336 p.

RIBEIRO, José da Silva. **Métodos e técnicas de investigação em Antropologia**. Lisboa: Universidade Aberta, 2003.

RIBEIRO, Pedro Henrique Mendes. **Comida e religiosidade: dos cultos afro-brasileiros para a história da alimentação brasileira**. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/humanidades2009/Anais/GT23/23.1.pdf>> Acesso em: 27 out, de 2018

RODHE, B.F. Umbanda, uma religião que não nasceu: breves considerações sobre uma tendência dominante na interpretação do universo umbandista. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA (ENECULT), 5. **Anais...** Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia, 27 a 29 de maio de 2009.

RONDINELLI, Paula. **Alimentação e religião: Um estudo antropológico no movimento alternativo**. [S.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <[https://www.pucsp.br/nures/revista3/3\\_edicao\\_alimentacao\\_religiao.pdf](https://www.pucsp.br/nures/revista3/3_edicao_alimentacao_religiao.pdf)> Acesso em: 21 ago 2018.

SALES, Verônica Amaral. Umbanda Preconceitos e Similaridades. Trabalho de conclusão de curso (Especialização). Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes. São Paulo, 2017. Disponível em: <[https://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/art.\\_cientifico\\_-\\_umbanda\\_entrega\\_final.pdf](https://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/art._cientifico_-_umbanda_entrega_final.pdf)>. Acesso em: 07 out 2019.

SANTOS, Andre Luís dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2011.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira**. São Paulo: Ática, 1994. 149 p.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 493 p.

WILGES, Irineu; COLOMBO, Olírio Plínio. **Cultura religiosa**. Porto Alegre: Sulina, 1974. 185 p.